

A LINGUÍSTICA EM DIÁLOGO

VOLUME
COMEMORATIVO
DOS 40 ANOS
DO CENTRO
DE LINGUÍSTICA
DA UNIVERSIDADE
DO PORTO

COMISSÃO ORGANIZADORA

João Veloso

Joana Guimarães

Purificação Silvano

Rui Sousa-Silva

40

anos



TÍTULO	A Linguística em diálogo Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto
COORDENAÇÃO	João Veloso Joana Guimarães Purificação Silvano Rui Sousa-Silva
EDITOR	Centro de Linguística da Universidade do Porto
ANO DE EDIÇÃO	2018
CONCEÇÃO GRÁFICA	Invulgar - Artes Gráficas, S.A.
TIRAGEM	200 exemplares
ISBN	978-989-54104-3-9
DEPÓSITO LEGAL	443246/18

A publicação deste volume contou com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do financiamento atribuído ao Centro de Linguística da Universidade do Porto ao abrigo do Fundo de Reestruturação de Unidades 2016 - Ref^a UID/LIN/0022/2016.

*DAR UM BEIJO É A MESMA COISA QUE
DAR UM ESPIRRO? PARA UMA ANÁLISE
SINTÁTICO-SEMÂNTICA DE DIFERENTES
VALORES DO VERBO LEVE DAR EM
PORTUGUÊS EUROPEU*

Celda Choupina

celda@ese.ipp.pt

Politécnico do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Ana Maria Brito

abrito@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

RESUMO. Neste texto fazemos uma análise de alguns aspetos sintáticos e semânticos do verbo leve *dar* em Português Europeu, defendendo que há pelo menos dois valores distintos deste verbo leve: um em que tem três argumentos (DAR 2) e, nessa medida, aproxima-se do verbo pleno correspondente (DAR 1) e outro em que é verdadeiramente leve e tem, pelo menos aparentemente, dois argumentos, não sendo, portanto, ditransitivo (DAR 3). Propomos que o verbo leve DAR 2 é gerado numa posição baixa na estrutura, idêntica à do verbo pleno, distinguindo-se dele por formar um predicado complexo com o N deverbal com o qual se combina, enquanto o verbo leve DAR 3 é gerado na posição de v.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo leve, *dar* como verbo leve, diferentes valores do verbo leve, estrutura argumental, predicado complexo.

ABSTRACT. In this text we analyze some syntactic and semantic aspects of the light verb *dar* ‘to give’ in European Portuguese, arguing that there are, at least, two distinct values of this light verb: one where it has three arguments (DAR 2) and, therefore, it is close to the corresponding full verb (DAR 1) and other value in which it is truly a light verb and it has, at least apparently, two arguments and it is therefore not ditransitive (DAR 3). We propose that the light verb DAR 2 is generated in a low position in the structure, similar to the full verb, distinguishing itself from it by forming a complex predicate with the deverbal N with which it combines, while the light verb DAR 3 is generated in v.

KEYWORDS: Light verb, *dar* ‘to give’ with light verb, different values of the light verb, argument structure, complex predicate.

1 – Introdução

Em muitas línguas do mundo (línguas românicas, Inglês, diversas línguas asiáticas, pelo menos) existe uma classe de verbos cujo conteúdo semântico é mais fraco do que o dos verbos plenos correspondentes. Foi Jespersen (1965, vol. VI, p. 117) quem terá proposto pela primeira vez a designação de ‘light verb’, verbo leve, para verbos como *give*, *have*, *take* em inglês, em contextos como os ilustrados em (1):

- (1) (a) John gave a sigh / a shout / a pull.
 (b) John had a rest / a cry / a think.
 (c) John took a bath / a drive / a walk.

uma vez que tais verbos não têm o significado pleno que têm em contextos como os de (2):

- (2) (a) John gave a book to Mary.
 (b) John had a house.
 (c) John took an umbrella.

Na verdade, em (1) temos combinações V+NP/DP cujo significado corresponde a verbos como *to sigh*, *to shout*, *to pull*, *to rest*, *to cry*, *to think*, *to bath*, *to drive*, *to walk*. A investigação já realizada tem mostrado que nas

línguas com este fenómeno há uma série de verbos leves, que pode variar entre cinco a vinte e que são do tipo de ‘dar’, ‘ter’, ‘tomar’, ‘fazer’, ‘ir’, ‘vir’, ‘levantar’ (cf., e.o., Butt 2010: 1-2). Embora a investigação tenha notado a existência de combinações de vários tipos (ver ponto 2.), não há dúvida de que é sobre a combinação V+ NP/DP, em que o N é uma nominalização deverbal, que mais tem incidido a investigação sobre o tema (cf. Mohanan 2006: 466-472).

Apesar de intensa discussão, as seguintes propriedades dos verbos leves parecem ser consensuais para várias línguas (Mohanan 2006, Butt 2010, entre outros):

- (i) os verbos leves têm uma forma idêntica à de um verbo pleno da língua em causa;
- (ii) nas frases com verbos leves há sempre uma predicação conjunta formada por dois ou mais elementos à partida considerados predicativos e que dão origem a uma “joint predication” (usando a designação de Butt 2010: 5) ou a um predicado complexo (usando a designação de Mohanan 2006, Alsina 1996, Gonçalves *et al.* 2010);
- (iii) a predicação conjunta referida em (ii) dá origem a uma única oração e não a uma estrutura bi-oracional.

Estes verbos e estas propriedades colocam interessantes questões: têm os verbos leves significado lexical? Têm os verbos leves estrutura argumental própria? E estrutura temática? Em que medida os verbos leves se distinguem dos verbos plenos correspondentes? A estas perguntas têm sido dadas respostas distintas, não só por se ter partido de fenómenos diferenciados mas também por terem sido construídas em quadros teóricos distintos. A algumas delas nos referiremos no ponto 3.

Dada a diversidade de línguas e de análises, neste texto limitar-nos-emos ao estudo do verbo *dar* em Português Europeu (PE).¹ O

¹ O que nos interessa é apenas a combinatória V leve *dar*+ N deverbal, isto é, um nome derivado de uma raiz verbal, e não um N derivado de outro N, como parece ser o caso de *dar uma cabeçada*, *dar uma facada* (um dos casos estudados por Scher 2006). Esta autora afirma a certa altura que “a ocorrência de [construções de verbos leves] CVLs com *dar* em português europeu (PE) é bastante restrita, limitando-se a casos como *dar uma olhadela*, por exemplo.” (p. 27). Como os trabalhos de Gonçalves *et al.* (2010) e Duarte *et al.* (2010) mostram e como este trabalho confirma, o uso do V *dar* como verbo leve não é assim tão raro como Scher afirma no PE.

texto está estruturado do seguinte modo: depois de em 1. fazermos uma breve introdução à problemática dos verbos leves, no ponto 2. apresentaremos alguns dados sobre o verbo leve *dar* em Português Europeu; no ponto 3. faremos uma apresentação de alguns tratamentos surgidos em Sintaxe sobre estes verbos, o que servirá como ponto de partida para a análise em 4.; em 5. apresentaremos algumas conclusões e, finalmente, as referências bibliográficas.

2 – Algumas propriedades do verbo leve *dar* em Português Europeu

Como é sabido, há em PE alguns verbos leves, como sejam *dar*, *fazer*, *ter*² nos exemplos a seguir.

- (3) O João deu uma ajuda ao filho.
- (4) Eles fizeram um assalto ao banco.
- (5) A Maria teve um desmaio.

Nos exemplos referidos, *dar*, *fazer* e *ter* são considerados verbos leves, distinguindo-se dos verbos plenos correspondentes, ilustrados nos exemplos seguintes:

- (6) O João deu uma prenda ao filho.
- (7) Eles fizeram uma pizza.
- (8) A Maria tem uma casa.

Pelo facto de os verbos leves, em exemplos do tipo de (3) a (5), serem seguidos de um nome deverbal, é frequente afirmar-se que uma das propriedades dos verbos leves seguidos do nome deverbal é poderem ser substituídos pelo verbo a partir do qual é formado o nome deverbal (Gonçalves *et al.* 2010: 451, Duarte *et al.* 2010, Gonçalves & Raposo, 2013: 1215, entre outros), como se comprova em (9) a (11).

² Em Português do Brasil são também usados os verbos *tomar* e *pegar* como verbos leves: (i) Ela tomou um susto; (ii) Maria pegou uma gripe (exemplos de Pederneira 2014).

- (9) O João ajudou o filho.
- (10) Eles assaltaram o banco.
- (11) A Maria desmaiou.

Embora esta possibilidade de paráfrase seja muito frequente, tem de dizer-se, no entanto, que nem sempre ela é possível³, por várias razões: umas vezes, apesar de a combinação ser formalmente constituída por V+N deverbal, não estamos verdadeiramente perante uma construção de V leve, como parece acontecer em *dar (um) gosto* (12a), pois, quer na interpretação de *dar gosto*, *dar paladar*, quer na interpretação de *dar uma satisfação* nenhuma das combinações é parafraseável por *gostar*, o que pode significar que estamos na presença de expressões quase lexicalizadas; outras vezes, a paráfrase tem sentido de alguma forma distinto da combinação V + NP/DP (12b); finalmente, noutros casos o V da paráfrase é pouco frequente ou inexistente, como em (13). De facto, *priorizar* e *parabenizar* são muito pouco frequentes no PE e por isso as paráfrases são de gramaticalidade duvidosa, pelo menos nesta variante:

- (12)(a) dar (um) gosto a algo / alguém⁴ (≠ gostar)
- (c) deu uma saída (≠ sair)

³ Refira-se, aliás, que a paráfrase V+N por V não parece ser uma propriedade universal dos verbos leves. Segundo Hale & Keyser (2002: 117), o Basco é uma língua em que a combinação de V+N se mantém e, segundo os mesmos autores, este facto é um argumento a favor da configuração básica desta combinação, anterior à incorporação do N ao verbo leve *v*, sugerindo uma variação paramétrica entre línguas em relação ao mecanismo de incorporação: o Basco não o teria, o Inglês teria (ver ponto 4. deste trabalho)

- (i) a. *negar egin* (choro fazer = chorar)
- b. *eztul egin* (tosse fazer = tossir)
- c. *barre egin* (riso fazer = rir)
- d. *lo egin* (sono fazer = dormir)
- e. *zurrunga egin* (ronco fazer = roncar)

⁴ No *corpus* do *CetemPúblico* encontrámos duas ocorrências de *dar um gosto*, com uma interpretação não psicológica de *gosto*:

- (i) *par=ext349343-com-98a-3*: Para **dar um gosto** futurista a qualquer criação, nada melhor que o Samplekit Vol .
- (ii) *par=ext785021-nd-94a-2*: A animação musical, que é o mesmo que dizer música ao vivo, copos (...) e conversa vão **dar um gosto** ainda mais especial ao festival.

- (13) (a) A Maria deu prioridade ao filho / ?? A Maria priorizou o filho.
 (b) A Maria deu os parabéns ao filho / ?? A Maria parabenizou o filho.

Sendo o V leve *dar* homónimo do V ditransitivo *dar*, um V de três lugares, com o significado de transferência de posse, interessa discutir até que ponto o V leve *dar* e o V pleno *dar* são próximos, ou mais especificamente, importa perceber o estatuto predicativo do verbo leve *dar* e se ele mantém em todas as combinações as propriedades do verbo *dar* ditransitivo.

Tomemos em conta um exemplo de *dar* quando este seleciona três argumentos, como em (14).

- (14) O João deu uma prenda à mãe/deu uma carteira ao pai.

O exemplo (14) integra o verbo *dar* pleno, com estrutura argumental ditransitiva, três argumentos (argumento externo_{Agente}, argumento interno_{Tema} e um argumento OI_{Recipiente / Meta}), permitindo a pronominalização dativa e acusativa dos dois argumentos internos, como em (15), e uma construção passiva, como em (16):

- (15) O João deu-lhe uma prenda; deu-a à mãe; deu-lha.
 (16) Uma prenda foi dada à mãe/uma carteira foi dada ao pai.

Ao nível semântico, a construção em (14) exprime transferência de posse de uma entidade concreta e referencial de um possuidor (Agente) para outro (Recipiente), como resultado de uma situação eventiva intencional.

Vejamos se estas mesmas propriedades, semânticas e sintáticas, são partilhadas por construções com o V *dar* como V leve:

- (17) (a) O João deu uma ajuda ao filho (= (3)).
 (b) O João ajudou o filho (= (9))
 (18) (a) O João deu um empurrão ao amigo.
 (b) O João empurrou o amigo.

Nas construções apresentadas em (17) e (18), mantém-se a transitividade do verbo (cf. *O João deu-a /-o*), sendo o DP que contém o N deverbal um argumento do V *dar*, embora seja ele próprio predicativo (Mohanán 2006: 470). Por sua vez, mantém-se a ditransitividade, como ilustram os testes de pronominalização em (19), o que permite concordar com Gonçalves *et al.* (2010: 452), segundo o qual os verbos leves, ou melhor, este tipo de verbos leves, mantém a estrutura argumental do V pleno correspondente.

(19) O João deu-*lhe* uma ajuda / deu-*lhe* um empurrão.

Relativamente à relação com o argumento externo, os mesmos autores propõem que o V leve é “responsável pela seleção semântica do argumento externo” (p. 452), o que continua a ser verdade para casos como (17a) e (18a). Gonçalves *et al.* (2010: 453) usam a combinação *dar um empurrão* nos exemplos como (20a) e (20b) precisamente para fundamentar a proposta de que a agentividade do argumento externo é preservada, daí a agramaticalidade de (20b)⁵.

(20) (a) O João deu um empurrão ao carro que estava estacionado.
(b) * A chuva deu um empurrão ao carro que estava estacionado.

No que se refere à possibilidade de construção passiva, e segundo os nossos juízos de gramaticalidade, os exemplos com o verbo leve em (21) não são iguais quanto à capacidade de aceitarem a construção, o que pode ser uma evidência de que a agentividade não é absolutamente paralela:

(21) a) Uma ajuda foi dada ao filho pelo João.
b) ? Um empurrão foi dado ao amigo pelo João.
c) ? Um empurrão foi dado ao carro (...) pelo João.

⁵ A aceitabilidade dos exemplos depende crucialmente da possibilidade de antropomorfização da força / causa selecionada para sujeito frásico: veja-se (i) o vento / a tempestade deu um empurrão à casa, frases que consideramos gramaticais.

No entanto, ainda que se aceite como válida a preservação do traço de agentividade no sujeito em todas as construções com *dar*, nos exemplos como (17), (18) (20) e (21), no que diz respeito ao significado associado ao argumento interno há claramente alguma perda de significado e a noção de transferência de posse de uma dada entidade de um possuidor para outro não é mantida: com efeito, *uma ajuda* e *um empurrão* não são entidades concretas que possam ser transferidas, não sendo autónomas do evento em que se inserem.⁶ Assim, as expressões nominais *uma ajuda*, *um empurrão*, no contexto de V leve, parecem ser expressões nominais híbridas entre a leitura de entidade e a leitura de evento, podendo ser contáveis (pluralizáveis e quantificáveis) (*dar várias ajudas*, *dar dois empurrões*).⁷

Por outro lado, se em exemplos como (14) o papel temático do argumento objeto indireto é de Recipiente, em (17) e (18), não havendo transferência de posse, a interpretação do objeto indireto é de Beneficiário / Maleficiário.

Mas será que o V *dar* como V leve se comporta de maneira igual em todas as combinações? Foi notado por Barreiro (2006) que *dar* e *to give* se podem combinar com diversos tipos de nomes deverbais em Português e em Inglês. A lista (22) é adaptada de Barreiro (2006) para o Português e mostra que o V *dar* como V leve se combina com diversas subclasses de nomes:

- (22) (a) ***dar* com nomes deverbais que descrevem contacto ou agressão física:** *dar um abraço (abraçar)*, *dar um beijo (beijar)*, *dar uma bofetada (esbofetear)*, *dar uma sova (sovar)*, *dar uma surra (surrar)*, *dar um golpe (?golpear)*, *dar uma lambidela (lamber)*, *dar um beliscão (beliscar)*;
 (b) ***dar* com nomes deverbais significando emoções e sentimentos:** *dar ânimo (animar)*, *dar alegria (alegrar)*, *dar desgosto (desgostar)*, *dar satisfação (satisfazer)*, *dar susto (assustar)*, *dar terror (aterrar)*, *dar vergonha*

⁶ Por essa razão, e partindo da noção de escala de transitividade proposta em Hooper & Thompson (1980), Choupina (2013: 41-48) defende que em (17) e (18) o verbo parece ser um V de “transitividade mitigada”.

⁷ Como tem sido referido por vários autores, os verbos leves são um dos fatores que favorecem a telicidade dos nomes deverbais e, por isso, não se comportam neste contexto como os nomes deverbais de evento típicos, que, em geral, são massivos e não contáveis (cf. entre outros, Rothstein 2004: 184).

- (envergonhar); *dar amparo (amparar), dar carinho (acarinhar), dar consolo (consolar), dar escândalo (escandalizar)*;
- (c) **dar seguido de nomes de poder ou influência:** *dar autorização (autorizar), dar aprovação (aprovar), dar aviso (avisar), dar ajuda (ajudar), dar conselho (aconselhar), dar consentimento (consentir), dar cumprimentos (cumprimentar), dar ordem (ordenar), dar orientação (orientar)*;
- (d) **dar seguido de nomes relacionados com informação e opinião:** *dar assessoria (assessorar), dar explicação (explicar), dar informação (informar), dar interpretação (interpretar), dar mostra(s) (mostrar), dar opinião (opinar), dar resposta (responder)*;
- (e) **dar seguido de nomes relacionados com alojamento:** *dar alojamento (alojar), dar albergue (albergar), dar asilo (asilar), dar hospedagem (hospedar), dar refúgio (refugiar), dar abrigo (abrigar)*;
- (f) **dar seguido de nomes em -dela, -ada ou -agem designando ações rápidas:** *dar uma pincelada (pincelar), dar uma pinceladela (pincelar), dar uma esfregadela (esfregar), dar uma lavagem (lavar)*;
- (g) **OUTROS valores:** *dar emprego (empregar), dar colocação (colocar), dar destino (destinar), dar alimento (alimentar), dar início (iniciar), dar origem (originar); dar forma (enformar); dar força (fortalecer); dar uma leitura (ler); dar preferência (preferir); dar realce (realçar); dar solução (solucionar)*;
- (h) **dar com nome deverbal de movimento:** *dar uma caminhada (caminhar), dar um salto (saltar), dar um pulo (pular)*;
- (i) **dar com nomes relacionados com sentidos ou atos/reações do corpo:** *dar um gemido (gemit), dar um grito (gritar), dar uma olhada (olhar), dar um sopro (soprar), dar um suspiro (suspirar); dar um espirro (espirrar)*.

Partindo das construções com *dar* e da diversidade de subclasses de nomes propostos em (22), vamos estudar brevemente algumas propriedades das combinações; escolheremos apenas o primeiro exemplo de cada uma das alíneas.

i) Possibilidade de ocorrência com um argumento dativo:

(23) *Dar-lhe um abraço, dar-lhe ânimo, dar-lhe autorização, dar-lhe assessoria, dar-lhe alojamento, dar-lhe uma pinceladela; dar-lhe emprego.*

Vemos que nas classes (22a) a (22g) elencadas acima, o V *dar* comporta-se como um V ditransitivo, com três argumentos, isto é, com estatuto predicativo e estrutura argumental próximos de um V de transferência de posse, no que ao número e à natureza de argumentos diz respeito.

Mas em (22h) e (22i), em que o V *dar* é seguido de nomes deverbais de movimento (*dar uma caminhada*) e de nomes relacionados com sentidos e atos/reações corporais (*dar um gemido*), o V não tem claramente o funcionamento de um ditransitivo, não selecionando um segundo argumento interno, como a agramaticalidade em (24) e (25) mostra:

(24) * dar-lhe uma caminhada, * dar-lhe um salto, * dar-lhe um pulo.

(25) * dar-lhe um gemido, * dar-lhe um grito⁸, * dar-lhe um suspiro,
*dar-lhe um espirro.

ii) Interpretação do argumento externo:

Nas combinações em (22i) (*dar um gemido*, *dar um espirro*, *dar um grito*, *dar um suspiro*) não é a agentividade o traço semântico associado ao argumento externo; o argumento externo é um experienciador. O que permite concluir que, com esta classe de verbos, é claramente a raiz verbal do nome e não o V *dar* que é responsável pela interpretação do chamado argumento externo.

Assim, começa a esboçar-se a ideia, clássica nos estudos sobre verbos leves, segundo a qual o verbo leve e o nome deverbal participam ambos na seleção do argumento externo e na atribuição de papel temático, uma vez que formam um predicado complexo (ver, entre outros, Mohanan 2006, Butt 2010, Gonçalves *et al.* 2010).

iii) Natureza aspetual dos verbos de que derivam os nomes deverbais:

⁸ A construção *dar-lhe um grito* pode aceitar-se com a interpretação de ‘bradar/gritar’ a alguém, sobretudo numa realização dialetal.

Como Gonçalves *et al.* (2010) e Duarte *et al.* (2010) mostraram, o V leve *dar* combina bem com nomes derivados de verbos que designam processos ou atividades ou ainda melhor com nomes derivados de verbos que Oliveira & Leal (2015) designam de atividade ou “processo culminável” (*caminhar*); com nomes derivados de verbos que são aspetualmente pontos (*saltar, pular, espirrar, gemer, gritar, suspirar*) ou com nomes derivados de verbos que designam processos culminados (*pintar*)⁹. Consequentemente, as combinações não têm o mesmo valor aspetual: enquanto *dar uma caminhada* exprime preferencialmente um processo, *dar uma pintura* exprime um processo culminado, *dar um espirro* exprime um ponto.

Vemos que, apesar de o verbo *dar* ser considerado um verbo leve em todos os casos listados em (22), ele não ocorre em combinações com idênticas propriedades semânticas e sintáticas, pelo que deve ser ponderada a hipótese de estarmos perante valores diferentes do mesmo verbo.

Tal como Butt (2010: 6) afirma, a solução mais simples seria admitir que o verbo *dar* ou é um verbo pleno ou um verbo leve e como tal adotar uma de duas das soluções que têm sido apresentadas na literatura para a sua interpretação enquanto verbo leve: i) o verbo leve é semanticamente vazio, isto é, a sua função é simplesmente licenciar a predicação construída a partir de um elemento não-verbal, neste caso uma nominalização deverbal; ou ii) o verbo leve é predicativo e faz a seleção semântica e sintática dos argumentos, tal como o verbo pleno correspondente, e forma um predicado complexo.

Na nossa ótica, admitir diferentes valores do verbo leve levanta hipóteses de solução mais interessantes e condizentes com a diversidade de propriedades evidenciadas pelas construções. Esta ideia de que os verbos leves não são todos iguais vai ao encontro da reflexão de Butt (2010), segundo o qual “light verbs constitute a cohesive class on one hand, but fall into different subclasses on the other hand.” (p. 5).

⁹ Como mostram Gonçalves *et al.* (2010) e Duarte *et al.* (2010), o verbo leve *dar* não pode facilmente combinar-se com estados: (i) *O João deu uma estada no Brasil; com culminações (ii) *A Maria deu um nascimento / um assalto à casa. No entanto, a combinação *dar (um) gosto* nas suas duas aceções é gramatical, apesar de, num caso, conter um N derivado de um V psicológico estativo e no outro designar um sentido do corpo humano. Como dissemos, esta razão leva a considerar esta combinação como não representativa de um V leve mas do V pleno correspondente, talvez numa construção lexicalizada.

Assim, sintetizamos no quadro seguinte as propriedades do V *dar* enquanto verbo pleno (DAR 1), como nos exemplos (6) e (14), do verbo *dar* como verbo leve ditransitivo (DAR 2), que recobre os casos de (22a) a (22g), e do verbo *dar* como verbo leve capaz de ocorrer em combinações com nomes deverbais de movimento e de atos/reações do corpo (DAR 3), que recobre os casos (22h) e (22i).

Valores		Verbo pleno		Verbo leve			
		DAR 1		DAR 2		DAR 3	
		O João deu uma prenda à mãe.		O João deu uma ajuda ao filho/ um empurrão ao amigo.		O João deu um espirro.../ deu um pulo	
Propriedades	N.º de argumentos	3		3		2	
	Interpretação dos argumentos	Agente	√	Agente	√	Agente / Experienciador	√
		Tema	√	Tema	√	Tema	√
		Recipiente	√	Beneficiário/Maleficiário	√	----	
	Interpretação do Tema						
- entidade concreta		√		Não		Não	
- evento / interpretação híbrida entre entidade e evento		Não		√		√	
Significado de transferência de algo do Agente para o Recipiente		√		Não		----	
Caso do Recipiente / Beneficiário / Maleficiário		Dativo		Dativo		----	

Tabela 1 – Propriedades distintivas dos diferentes valores do verbo DAR¹⁰

¹⁰ Quadro inspirado em Mohanan (2006: 476).

O quadro apresentado não esgota certamente o *continuum* de valores que estamos a sugerir para o V *dar*. Com efeito, encontrámos acima não só combinações do tipo *dar um beijo*, em que o V é seguido de DP, como encontramos *dar amparo* dar+NP, sem determinação. Por outro lado, encontramos combinações sintáticas, como, de novo, *dar um beijo*, e expressões quase lexicalizadas como *dar gosto*, *dar licença*, *dar um estalo*, já para não falar de *dar os bons dias*.

Apesar de não explorarmos aqui todas as consequências da distinção entre NP/DP nas construções com verbos leves, ela é de grande relevância. Com efeito, de acordo com Longobardi (1994), um DP tem mais condições para ser uma expressão referencial e um argumento. Assim, em *dar um abraço* temos um argumento e, como tal, o DP é projetado em Sintaxe numa posição de argumento interno. Quando temos um nome simples singular, não afetado de determinação, nos contextos considerados, temos, muito provavelmente, apenas um NP e, por essa razão, tal expressão nominal tem menos condições para ser referencial e argumental.¹¹

A “gradação” que estamos a sugerir para o verbo *dar* é ainda mais acentuada quando sabemos que há línguas em que o verbo dá origem a morfemas aplicativos, como parece ser o caso do Mandarim e de algumas línguas crioulas, de acordo com dados apresentados em Mohanan (2006: 476):

- (26) mama féng-gèi Xiàóqí yì tiáo qúnzi. (Mandarim)
mãe costura-dar Xiaoqi uma CL saia
‘A mãe costurou uma saia para o Xiaoqi’
- (27) i e prani a karu gi yu. (Sranan)
eu planta o milho dar ti
‘eu estou a plantar o milho para ti’

¹¹ Evidentemente nem todo o DP é referencial e argumental, pois, em contextos predicativos, como (i) A Maria é *uma professora*, temos um DP que não é um argumento. Por sua vez, pode haver nomes simples em posição de argumento interno, como é o caso, em PE, dos nomes simples plurais de interpretação existencial: (ii) Li *romances e novelas*, comi *morangos*, bebi *sumos*, ou dos nomes massivos singulares (iii) Bebi *água*.

Tendo proposto a ideia de gradação¹² e de *continuum* nos valores de *dar*, uma questão que se coloca é saber se há algum traço semântico comum aos três casos. Embora haja em DAR 2 e 3 perda da noção de transferência, o traço [+dinâmico], proposto em Gonçalves *et al.* (2010: 461), parece ser comum aos três usos, o que permite concluir que nos três casos o V *dar* tem significado lexical, embora haja uma escala, uma gradação do significado mais forte (DAR 1) para o significado mais fraco (DAR 3).

Em síntese, procurámos mostrar que o verbo leve *dar* pode ter comportamentos sintáticos distintos conforme o nome deverbal com o qual se pode combinar: nuns casos, o verbo leve *dar* tem uma estrutura argumental do verbo próxima da do verbo pleno homónimo (*dar* ditransitivo); noutros casos, combinado com nomes deverbais de movimento e com nomes deverbais relacionados com sentidos ou atos/reações do corpo, o V *dar* tem um valor mais leve, sendo, pelo menos aparentemente, transitivo direto e não ditransitivo. Neste segundo caso, o verdadeiro elemento predicativo é o nome deverbal. Este entendimento deste tipo de verbos leves vai ao encontro do que Gonçalves & Raposo (2013) consideram: o elemento “que contribui centralmente para a predicação nas construções com verbos leves é o complemento nominal e não o verbo” (Gonçalves & Raposo 2013: 1215).

3 – Alguns tratamentos sintáticos sobre verbos leves e objetos cognatos

Como dissemos, nas últimas décadas os verbos leves têm sido objeto de inúmeras análises.¹³ Apresentaremos aqui apenas algumas delas.

¹² Para a ideia de *continuum* de valores semânticos do V *dar* ver, para o Português do Brasil, entre outros, O'Donnell Christoffersen (2016), que defende igualmente cinco valores de *dar* / *to give* em parte baseada em valores aspetuais e na distinção entre dativos preposicionais e a chamada Construção de Duplo Objeto em Português, questão que não discutiremos neste trabalho.

¹³ Na tradição francesa de influência harrisiana, em particular nos trabalhos de Maurice Gross (1981), foi proposta a distinção entre verbos suporte e verbos distribucionais (verbos plenos), a partir de exemplos tão diferentes como os seguintes: (ia) Luc a le projet de partir *versus* (ib) Luc critique le projet de partir; (iia) Ces idées ont une diffusion rapide *versus* (iib) Ces idées garantissent une diffusion rapide; (iia) Max est / entre / part en discussion avec Luc *versus* (iiib) Max désavoue cette discussion avec Luc. Nos exemplos (a) teríamos verbos suporte e nos exemplos (b) teríamos verbos distribucionais, verbos plenos. A partir de uma série de comportamentos distintos, Gross desenvolve

Com base em dados do Japonês, Grimshaw & Mester (1988)¹⁴ propuseram que os verbos leves, apesar de serem capazes de atribuir caso e de codificarem alguns traços verbais (mas não se confundindo com auxiliares), são vazios do ponto de vista predicativo, sem estrutura argumental, sendo a sua função essencial legitimar um predicado não verbal. Os autores partem de frases com uma classe de verbos que glosam como *suru* e de exemplos como os seguintes (pp. 206-7):

- | | | |
|--|------------------|-----------|
| (28) John-wa Bill-to | aiseki-o | shita |
| João-Top Bill-com | mesa-partilha-Ac | suru-Pass |
| ‘O João partilhou uma mesa com o Bill’ | | |
| (29) John-wa Mary-ni | hanashi-o | shita |
| João-Top Mary-a _{prepdativo} | fala-Ac | suru |
| ‘O João falou à Maria’ | | |

Em (28), *aiseki* ‘partilha da mesa’ é marcado com caso acusativo pelo verbo *suru*, mas é essa forma que parece marcar tematicamente *John* e *Bill*; será então uma construção com um verbo leve e com *aiseki*, de natureza nominal, como o verdadeiro elemento predicativo. Uma situação paralela se passa em (29), onde *hanashi* ‘fala’ é o elemento capaz de atribuir papel temático a *John* e *Mary*. Para dar conta deste fenómeno os autores propõem que a estrutura argumental de *suru* é não especificada, havendo um processo de *Argument Transfer* do nome para esse verbo.¹⁵

a ideia de que um verbo suporte desempenha uma função unicamente sintática e de que o verdadeiro elemento predicativo é o nome, acabando por aproximar os verbos suporte a auxiliares, esvaziados de sentido, embora possam alguns ser portadores de valor aspetual ou de quantidade. Como veremos ao longo do trabalho, distanciamo-nos desta visão e mostraremos que os verbos leves não são próximos dos auxiliares e propomos que os verbos leves têm significado lexical, mesmo quando esse significado é mais fraco do que no verbo pleno correspondente.

¹⁴ Em relação ao Inglês, os autores (p. 229) reconhecem que a situação é complexa, pois há usos diferenciados dos verbos leves, afirmando que, para além do significado do N deverbal, o verbo leve pode ter algum significado, dando o exemplo de *take a walk: a spider ‘aranha’ walks* mas não: * *a spider takes a walk*.

¹⁵ Grimshaw & Mester (1988) distinguem (34) de (i):

(i) John-wa Bill-to aiseki shita
João-top bill-com mesa-patilha suru-Pass
‘O João partilhou uma mesa com o Bill’

Rosen (1989) desenvolve a perspectiva de Grimshaw & Mester (1988) e sugere uma aproximação que vai ser marcante em trabalhos seguintes, a ideia de que os verbos de reestruturação nas línguas românicas podem ser analisados como verbos leves. Esta aproximação tem alguma justificação, uma vez que, por força da reestruturação / formação do predicado complexo, certos verbos acabam por “herdar” argumentos de um outro predicado; veja-se, entre outros fenómenos, a subida de clítico para junto dos verbos *faire*, *volere*, *querer* em exemplos como os seguintes (também Scher 2006: 27):

- (30) Jean l’a fait partir.
 ‘O João fê-lo partir’
 (31) Mario lo vuole leggere.
 ‘O Mário quer lê-lo’
 (32) Luis las quiere comer.
 ‘O Luís quer comê-las.’

É nessa mesma linha que se orienta Alsina (1996), a partir da análise de predicados complexos nas línguas românicas e nas línguas Bantu, e Butt (1995, 2010), a partir da análise de verbos leves em Urdu, e ambos no quadro da *Lexical Functional Grammar*; os autores propõem que a formação de predicados complexos faz corresponder duas estruturas argumentais a uma única estrutura funcional.

Veja-se, por exemplo, Butt (2010: 3-4), em que o autor chama a atenção para a semelhança entre uma estrutura causativa como (33) e uma estrutura com o verbo leve *dar* em Urdu, (34):

- (33) nadya=ne yassin=se paoda kat-**va**-ya
 NadyaF.Sg=Erg Yassin.M.Sg=Inst planta.M.Nom cortar-
Caus-Perf.M.Sg
 ‘Nadya teve a planta cortada por Yassin’

Em (i) *aiseki* não tem caso acusativo, pelo que a construção deve ser analisada como uma incorporação de nome. Os autores consideram que os verbos leves em inglês, por terem algum significado lexical, são mais próximos de *saseru* em japonês do que de *suru*. Sobre a construção com *suru* veja-se Mohanan (2006: 471), que dá conta de outros tratamentos distintos entretanto surgidos na literatura.

- (34) nadya=ne makan bana **di**-ya
Nadya.F.Sg=Erg casa.M.Nom constrói **dar**-Per.M.Sg
'Nadya construiu uma casa (para alguém)'

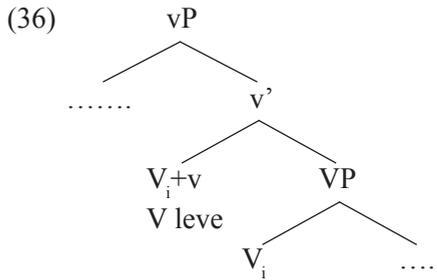
Mohanán (2006), partindo de factos do Malayalam, uma língua do sul da Índia, propõe que nesta língua pode haver a formação de predicados complexos V+V, V+ADJ e V+N; em qualquer dos casos há duas estruturas semânticas mas uma única estrutura argumental. Vejam-se os seguintes exemplos de predicado complexo V+N:

- (35) raam-ne niinaa-kii madad kii (Mohanán 2006: 463)
Ram Nina-gen ajuda deu
'Ram ajudou Nina'

Uma abordagem incontornável é a de Hale & Keyser (1993; 2002), em que as estruturas argumentais dos predicados são pensadas e projetadas no Léxico. Recorde-se que, em Inglês, muitos verbos são formados por incorporação nominal ou *conflation*: *to sleep* a partir de *sleep*, *to cry* a partir de *cry*, e, por isso, Hale e Keyser desenvolveram um modelo em que a própria estrutura lexical de um V é altamente hierarquizada e o V é formado a partir de um N por subida do N de uma posição baixa para uma posição vazia de V que os autores chamam "light V", verbo leve. Neste sentido, os autores propõem que a estrutura lexical de um V inergativo, geralmente considerado intransitivo, é parecida com a de um V transitivo, pois ambos podem selecionar na estrutura lexical um N.

Estão assim abertas as portas para que Chomsky (1995) introduza a noção de verbo leve abstrato em Sintaxe e a ideia que começa a fortalecer-se é a de que a categoria vP tem uma estrutura altamente hierarquizada, em que a posição de v pode vir a ser ocupada por um V (movido em Sintaxe) ou por um verbo leve, como se descreve em (36):¹⁶

¹⁶ Cf. Bosque & Gutiérrez-Rexach (2009: 404-5). Nesta estrutura a posição de especificador de vP é ocupada pelo argumento externo. Mas atualmente o argumento externo é colocado em especificador de VoiceP, por influência de Kratzer (1996) e no seguimento de Alexiadou (2006).



Assim, um verbo leve pode ser representado por ‘v’, uma categoria mista com propriedades funcionais e lexicais. Dado o caráter misto dos verbos leves, com alguma informação semântica mas dependentes do ponto de vista predicativo de outro elemento, a categoria ‘v’ passa a descrever tal classe de verbos (ver, entre outros, Butt 2010: 6).

Com a noção de decomposição verbal (proposta, em moldes distintos, por Hale & Keyser 1993, Levin & Rapaport 1998 e Ramchand 2008), é introduzida a ideia de que a cada verbo pleno corresponde não só uma estrutura argumental mas também uma estrutura de evento, sugerindo-se em vários autores que os verbos leves não instanciam uma estrutura de evento completa mas apenas uma parte dessa estrutura.

Embora em moldes formalmente distintos dos autores referidos, pensamos que é nesta linha que se situa a análise de Gonçalves *et al.* (2010) e Duarte *et al.* (2010) para o Português. De acordo com estes autores, os verbos leves são subespecificados em relação a certos traços semânticos (de tipo aspetual) e é a formação do predicado complexo V+N, essencialmente uma operação de compatibilização de traços, que faz com que “a sequência $V_{\text{leve}} + N$ herd[e] os valores especificados nos traços do nome” (p. 461). Por sua vez, o predicado complexo é formado em Sintaxe, “depois de o verbo e o nome terem entrado na numeração com os seus traços formais inerentes” (p. 461): os traços interpretáveis subespecificados do verbo leve são valorados por *checking* (verificação) / *agree* (concordância) contra os traços valorados do nome.” (p. 461) Recorde-se que para estes autores os verbos leves são elementos predicativos, capazes não só de impor restrições sobre as classes aspetuais dos nomes deverbais com os quais se combinam mas também com estrutura argumental própria: o argumento externo seria diretamente introduzido em especificador de VoiceP e o interno é a projeção

DP que contém o nome deverbal.¹⁷

Numa orientação distinta, mas claramente dialogando com o Programa Minimalista, situa-se a proposta da Morfologia Distribuída (MD), um modelo desenvolvido, entre outros, por Halle & Marantz (1993). Em MD, é a estrutura que determina a formação das palavras e a maior parte do sentido das construções. Trata-se, portanto, de um modelo neste aspeto oposto ao modelo lexicalista de Hale e Keyser. Considera-se que tanto nomes deverbais como verbos são formados a partir da mesma raiz (acategorial), que se funde com os *f*-morfemas (morfemas de categoria). No caso dos verbos leves, em particular, estes seriam inseridos tardiamente na estrutura se não se projetar um verbo pleno por fusão de uma raiz com um *f*-morfema categorizador verbal. Para o Português, Choupina (2013: 245-49) sugere uma solução deste tipo para construções com objetos cognatos e para os predicados com verbos leves e nomes deverbais, com a diferença de que o verbo leve é inserido, por inserção tardia, apenas em v. Nesta perspetiva, os verbos leves são uma “solução” que evita a redundância morfossemântica das estruturas com objetos cognatos (veja-se *espirrar / espirrar um espirro...*) e também uma “solução” para estruturas com nomes deverbais que não autorizam estruturas com cognatos, como acontece com *dar um pulo / *pular um pulo, dar um salto / *saltar um salto*, por exemplo.

4 – Proposta de análise sintática de algumas construções com o verbo leve *dar*

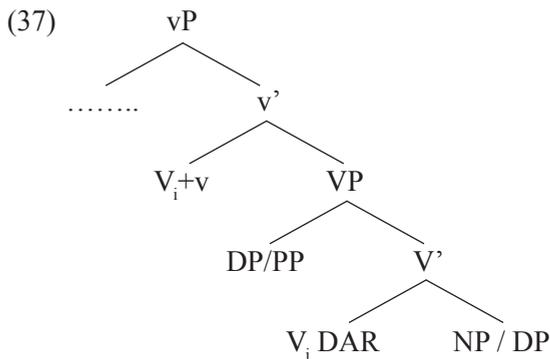
Recorde-se que, a partir de Hale & Keyser (1993) e Chomsky (1995), a estrutura da categoria vP é, em geral, a descrita em (36).

À primeira vista, portanto, poderíamos desde já aceitar a estrutura (36) para qualquer V leve, seguida dos mecanismos necessários à construção do predicado complexo. Mas no ponto 2 pudemos perceber que os verbos

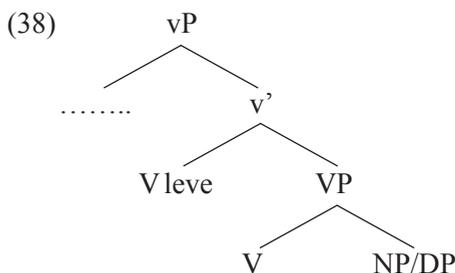
¹⁷ A ideia de que os Vs leves são afinal muito próximos dos verbos plenos é também partilhada por Bruening (2015), para quem os verbos leves são verbos regulares, com complementos regulares, havendo apenas dois pontos a marcar a diferença: os complementos exprimem um evento e o argumento externo do N deverbal pode ser controlado.

leves não são todos iguais e que, especificamente, o verbo *dar* como verbo leve tem, pelo menos, dois valores muito distintos: um em que o verbo é ditransitivo, tem estrutura argumental e, tendo um significado menos forte do que o verbo pleno *dar*, forma um predicado complexo com o NP/DP cujo núcleo é um N deverbais (DAR 2); e outro valor em que o verbo *dar* é mais leve, sendo o N deverbais do NP/DP que segue o verbo o verdadeiro predicado (DAR 3). Se assim é, parece plausível que os dois valores de *dar* devam ser captados por duas análises distintas.

Nessa medida, a estrutura (36) não deverá ser comum a estes dois valores. Propomos que o V DAR 2, como elemento predicativo, ocupa a posição de V (cf., no mesmo sentido, Gonçalves *et al.* 2010: 462). Como DAR 2 é ditransitivo, adotaremos aqui, embora sem discussão, que o OI é, em geral, gerado na posição de especificador de VP (cf. Brito 2010, Gonçalves 2016):



Diferentemente, o V DAR 3 deverá ocupar a posição de V leve na estrutura (38), formando um predicado complexo com o N deverbais.



Note-se que o argumento verbal típico dos verbos leves é um NP ou um DP indefinido ou quantificado), como em *dar amparo*, *dar um amparo*, *dar um espirro*, *dar dois espirros*). Pensamos que quer a presença de N simples quer a presença de expressão indefinida ou quantificada contribuem para a leitura híbrida entre entidade e evento a que já fizemos referência. Na verdade, um indefinido (mesmo com interpretação específica) ou uma expressão quantificada são, de facto, consideradas, por alguns autores, como as mais baixas na escala de referencialidade das expressões nominais (Raposo 2013: 1324).

A análise aqui esboçada não permite dar conta do paralelismo entre algumas expressões de verbos leves e as construções com objetos cognatos (*dar um espirro*, *espirrar um espirro enérgico*, versus *dar um pulo*, **pular um pulo*, **pular um pulo extenso*). Mas a exploração desse paralelismo está fora do alcance deste trabalho (para um tratamento destas questões, no quadro da MD, ver Choupina 2013).

5 – Conclusões

Neste texto fizemos uma análise do verbo leve *dar* em Português Europeu, e defendemos que há, pelo menos, dois valores distintos deste verbo leve: um em que o verbo tem três argumentos (DAR 2) e, nessa medida, aproxima-se do verbo pleno correspondente (DAR 1) e outro em que o verbo é verdadeiramente leve e tem, pelo menos aparentemente, dois argumentos, não sendo, portanto, ditransitivo (DAR 3).

Defendemos que o verbo leve DAR 2 é gerado numa posição baixa na estrutura, idêntica à do verbo pleno, V, distinguindo-se dele por formar um predicado complexo com o N deverbal com o qual se combina e que explica que o argumento externo seja marcado tematicamente pelo V e pelo N deverbal. Por seu lado, o verbo leve DAR 3 é gerado na posição de v, seguindo a proposta geralmente aceite em Sintaxe. Em qualquer dos casos, o V leve seleciona um NP ou um DP indefinido ou quantificado; quer a presença de N simples quer a presença de expressão indefinida ou quantificada parecem contribuir para a leitura híbrida entre entidade e de evento, típica dos argumentos dos Vs leves.

REFERÊNCIAS

- Alexiadou, A. 2006. On the morphosyntax of (anti-)causative verbs. Retirado em 28 de Maio de 2013 da World Wide Web : <http://ifla.uni-stuttgart.de/files/artemis-anitaworkpap-revised3.pdf>.
- Alsina, A. 1996. *The Role of Argument Structure in Grammar: Evidence from Romance*. CSLI Publications. Stanford: California.
- Barreiro, A. 2006. Extraction and Formalization of Support Verb Extraction and Formalization of Support Verb Paraphrases from Corpora Paraphrase. Retirado em 11 de Novembro de 2016 da World Wide Web: <http://www.linguateca.pt/documentos/ABarreiroSDL2006.pdf>.
- Bosque, I. & Gutiérrez-Rexach, J. 2009. *Fundamentos de Sintaxis Formal*. Madrid: Akal.
- Brito, A. M. 2010. Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? In *ENCUENTROGG. V Encuentro de Gramática Generativa*, 29-31 de Julio de 2009, org. da COMISIÓN ORGANIZADORA DEL VEGG, Facultad de Lenguas – Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CDRom, 81-114.
- Bruening, B. 2015. Light Verbs are Just Regular Verbs. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, Volume 21.1, 1-10.
- Butt, M. 2010. The Light Verb Jungle: Still Hacking Away. In Amberber, M.; Baker, B. & Harvey, M. (Eds.) *Complex Predicates: Cross-linguistic Perspectives on Event Structure*. Cambridge: Cambridge University Press 978-0-521-88667-3; acessível em <http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/butt/main/papers/cp-volume.pdf>
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Choupina, C. M. 2013. *Regência, Transitividade e Intransitividade: noções e critérios. Uma abordagem sintática de verbos com objetos cognatos em PE*. Dissertação de Doutoramento. FLUP, Porto: Edição de autor.
- Duarte, I.; Gonçalves, A.; Miguel, M.; Mendes, A.; Hendrickx, I.; Oliveira, F.; Cunha, L.F.; Silva, F. & Silvano, P. 2010. Light verbs features in European Portuguese. In *Proceedings of the Second Interdisciplinary Workshop on Verbs. The Identification and Representation of Verb Features*. Pisa, Scuola Normale Superiore/Università di Pisa, 27-31.
- Gonçalves, A. & Raposo, E. P. 2013. Verbo e sintagma verbal. In E. P. Raposo *et al.* (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,

1155-1218

- Gonçalves, A.; Cunha, L. F.; Miguel, M.; Silvano, P. & Silva, F. 2010. Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In *Textos Seleccionados*, Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, XXV, 2010, Porto. Atas, Porto: APL, 449-464.
- Gonçalves, R. 2016. *Construções ditransitivas no Português de São Tomé*. Diss. de Doutoramento, U. Lisboa.
- Grimshaw, J. & Mester, A. 1988. Light Verbs and Θ -Marking. *Linguistic Inquiry* 19-2: 205-232.
- Gross, M. 1981. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, n.63: 7-52.
- Hale, K. & Keyser, S. J. 1993. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Hale, K. & Keyser, S.J. (Eds.). *The View From Building 20: Essays in Linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press., 53-109.
- Hale, K. & Keyser, S. J. 2002. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Halle, M. & Marantz, A. 1993. Distributed morphology and the pieces of inflection. In Hale, K. & Keyser, S. J. (eds.) *The View from Building 20*, 111–176. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Hopper, P. & Thompson, S. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, Vol. 56, 2, junho de 1980, Linguistic Society of America, 251-299.
- Jespersen, O. 1965. *A Modern English Grammar on Historical Principles*, Part VI, Morphology. London: George Allen and Unwin Ltd.
- Kratzer, A. 1996. *Severing the external argument from the verb*. In Rooryck, J. & L. Zaring, L. (Eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer. 109-137.
- Levin, B.; & Rappaport Hovav, M. 1998. Building Verb Meanings. In Butt, M. & Geuder, W. (Eds.) *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*, 97- 134. Stanford, California: CSLI Publications.
- Longobardi, G. 1994. Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, 25, 609-665.
- Marantz, A. 1993. Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In Mchombo, S. A. (Eds.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, Vol. 1. Stanford: CSLI Publications, 113-150.

- Mohanan, T. 2006. Grammatical verbs (with special reference to light verbs). In Everaert, M. & H. van Riemsdijk (Eds.) *The Blackwell Companion to Syntax*, vol. II, 459-492.
- O'Donnell Christoffersen, K. 2016. A contrastive analysis of *dar* 'give' in English and Brazilian Portuguese: semantic-syntactic relationships and implications for L2 instruction, *BELT*, Porto Alegre, v. 7, n. 1: 26-43, <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3640.2016.1.23491> (25/03/2017)
- Oliveira, F. & Leal A. 2015. Activities with culmination. In Simões, A. *et al.* (Eds.) *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se cruzam*. OSLA, Oslo Studies in Language, 7 (1): 457-470.
- Pederneira, I. L. 2014. Gramática na Teoria Gerativa - Verbos leves no português brasileiro: uma nova proposta. *Revista Linguística Rio*, Volume 1, Número 1, Outubro de 2014 – ISSN, 2358-6826.
- Ramchand, G. 2008. *Verb Meaning and the Lexicon: a first phase syntax*. Cambridge: University Press.
- Raposo, E. P. 2013. Orações copulativas e predicções secundárias. In Raposo, E. P. *et al.* (Eds.) *Gramática do Português*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 1285-1356.
- Rothstein, S. 2004. *Structuring events. A study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell.
- Rosen, S. T. 1989. *Argument Structure and Complex Predicates*. PhD Dissertation. Brandeis University.
- Scher, A. P. 2006. Nominalizações em *-ada* em Construções com o Verbo Leve *dar* em Português Brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 41, nº 1: 29-48.